

Nos fundos da casa

Se ficar nisso, saiu barato. O primeiro contratempo, anunciado pelos antecedentes e com aviso prévio assinado pela ranheteira das organizações não governamentais, não chegou a tisonar o brilho pomposo da visita do presidente Fernando Henrique Cardoso a Londres. Mas criou os compreensíveis constrangimentos porque atinge o governo, embora com pancadas leves, nos seus pontos vulneráveis.

As TVs registraram o momento embaraçoso, devidamente fotografado e comentado no **JB** de ontem e nos jornais que não fecharam os olhos para o que acontece do lado da sombra. Quando chegou à London School of Economics, com a alma alvoroçada pela honraria excepcional de receber o título de *doutor honoris causa* de Economia, mais um e dos mais caros galardões que enfeitam o reconhecimento internacional do sociólogo, intelectual e político, o presidente e comitiva foram recepcionados pela bulhenta manifestação de protesto, organizada pelas OGNs de notória tradição militante na agitação britânica. Não eram muitos e nem se cuidava de juntar multidão. O suficiente para incomodar o visitante, arranhar a euforia do oba-oba e sacudir o paletó com a advertência de há sinais de desarrumação nos fundos da casa que se alvoroça no clima de festa.

Pelas contas dos repórteres eram cerca de 30 pessoas que se postaram do outro lado da rua, ostentando cartazes, fazendo barulho, marcando presença. As críticas, nem sempre bem informadas, miravam nos pontos frágeis das omissões e desinteresse do agraciado visitante na execução das políticas que mexem com as apreensões da fatia do mundo que não se conforma em tocar a vida sem o estímulo da utopia: defesa das reservas ambientais, atenção com os direitos humanos, cuidado com os meninos de rua, com os índios, e demais temas da pauta dos ecologistas e cruzados da área social.

O incidente foi rápido. Conquistado o espaço na mídia, estava dado o recado. O presidente saiu-se pela tangente da ironia temperada pela fingida tolerância que não disfarçou a irritação. Como não podia deixar de ser, passou recibo no óbvio reconhecimento de que a manifestação era válida, chama a atenção para o que não anda bem. Mas, deu o troco, qualificando a forma do protesto de primitiva.

Percebe-se que o presidente atravessou um desses instantes em que, pela posição e as circunstâncias, não podia ficar calado nem tinha o que dizer. Pois a forma do protesto nada tem de primitiva. Ao contrário, foi civilizada, contida nos limites dos objetivos, plenamente atingidos.

Certamente que estamos curtindo à distância, com a pontinha de malícia e estranheza pelos magníficos exageros da pompa do protocolo de tradição milenar da realeza, mas gratificados com a desenvoltura com que o presidente e Dona Ruth evoluem por entre alas de nobres, de rainhas, príncipes e lordes, consumindo o inglês fluente nos discursos e improvisos.

Mas, as flores, mesmo arrumadas em buquês aristocráticos, têm seus espinhos que picam a ponta dos dedos quando menos se espera.

Muito fácil e cômodo apelar para as desculpas que ficam em cima do muro estreito que separa a verdade da restrição mental. (Epa! Não é que me lembrei do finado Marechal Teixeira Lott, na famosa frase escapista arranjada pelo querido, saudoso e genial amigo Otto Lara Resende).

Voltamos ao fio da conversa. Impossível negar os avanços, cutucados pela pressão dos militantes caboclos, dos programas do governo no espaço das cobranças sociais. Números não mentem; equivocam-se. E as estatísticas estão aí, badaladas pelos sinos oficiais.

O que falta ao governo é a garra, a determinação, o engajamento por inteiro, a mobilização com o entusiasmo e a emoção que passe para o país e para o mundo o seu efetivo engajamento com os projetos cobrados pelo protesto das OGNs inglesas.

Nem sempre o governo é pilhado indefeso. Os assentamentos dos Sem Terra, por exemplo, batem recordes. Mas, os êxitos são manchados pela lerdeza burocrática que instiga reações, por vezes, destituídas de senso, como as ocupações das sedes do Inera.

Por mais desculpas que resmungue, nada mascara a evidência documentada da acomodação oficial diante do desmatamento criminoso da Amazônia. Ações esparsas, descontínuas, tímidas não respondem a denúncias como esta: 15 mil quilômetros quadrados da mata amazônica foram derrubados em um ano. O equivalente a metade de Alagoas, segundo informa a *Veja*.

O presidente-candidato tem pouco tempo, menos de um ano para tentar reverter o quadro e polir sua imagem para uso das próximas viagens internacionais. Para isso é preciso aderir, com fervor de militante londrino à preservação das reservas ambientais, empunhar as bandeiras sociais, ir à luta e conquistar a sociedade para a briga da vez.